

Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 2018

Carta conjuntural da Juventude do PSDB

*“Eu vou à luta com essa Juventude
Que não corre da raia à troco de nada ”*
Gonzaguinha

NUNCA, no curso dos acontecimentos políticos do nosso país, tanta coisa mudou em tão pouco tempo. Desde 2013, pelo menos, as placas tectônicas da política brasileira se movem de maneira desigual e combinada, dando origem a uma nova arena pública na qual seus atores - novos e velhos - precisam se equilibrar, sem que nada os tenha preparado adequadamente para a enxurrada de desafios que deságua desde então.

A arqueologia das mudanças e os motivos pelos quais a velha ordem começou a sucumbir naquele momento - nem antes, nem depois - ainda serão extensamente debatidos pelas pessoas de poder e de saber, por anos a fio. Para quem efetivamente faz política, porém, a questão central é menos abstrata, mais urgente: qual deve ser a *práxis* para esta nova fase da vida nacional?

“Práxis, por certo, é conceito vago”, já notaria Wanderley Guilherme dos Santos. Aqui, vamos entendê-la como conjunto de “ideias traduzidas em comportamentos”, a exemplo do cientista político carioca em um dos mais relevantes ensaios sobre nossa cultura política. Se a realidade mudou, é obrigatório aos agentes políticos que também mudem ou, ao menos, atualizem sua percepção da conjuntura nacional, sob pena de não oferecerem ao povo as respostas políticas para as demandas que estão colocadas na esfera pública e, conseqüentemente, caírem no ostracismo.

A juventude brasileira está atenta e forte. Olha e se movimenta, perguntando indignada se afinal é essa a parte que lhe cabe deste latifúndio. As respostas, não as esperamos de braços cruzados. Temos muito a dizer e fazer com respeito aos problemas mais indisfarçáveis do nosso país.

EM 2018, O PASSADO NUNCA MAIS!

Precisamos todos rejuvenescer. Anos de violência política e corrupção patrocinados pelo PT legaram ao povo brasileiro uma vida pública vandalizada, verdadeira terra arrasada em que o debate público foi criminalizado, para depois ser visto com perigosa desconfiança pela própria população. Vivemos uma época em que os partidos e a política, de maneira geral, não são vistos como ferramenta por excelência da mudança social, mas como *problema em si*. Descrença geral derivada da atuação inconsequente de um partido que, ironicamente, chegou ao poder arrogando para si o monopólio da ética e da democracia.

Os anos se passaram, e não há tempo a perder. O fim do governo de Dilma Rousseff esgotou um longo período de entraves ao desenvolvimento nacional. É preciso aproveitar a oportunidade dada pela história para retomar de maneira vigorosa a agenda de modernização democrática da nossa economia, da nossa política e da nossa sociedade; ambiciosa tarefa cujas pedras fundamentais foram lançadas no governo de Fernando Henrique Cardoso.

Promover a modernização democrática do Brasil significa mobilizar seus atores políticos contra o entulho trabalhista que insiste em assombrar nossas instituições, que não podem mais ser jogadas contra o povo. Atrasado e carcomido pela dinâmica da história, há mais de 40 anos o rígido molde do estatismo varguista já não está à altura do Brasil. Os sonhos do nosso povo já não cabem mais no pesado e inflexível nacionalismo tacanho que até teve seu momento, mas que agora precisa urgentemente dar lugar a um projeto de país altivo, global, diverso e protagonista no sistema internacional.

Se formos capazes de romper com a preguiçosa e reacionária ideia de que a política é a arte do possível, seremos capazes de “projetar, com a régua e o compasso da democracia, o tipo de País que queremos construir”, na lição de

Fernando Henrique Cardoso: não é possível naturalizarmos um sistema eleitoral que abre um abismo entre eleitores e eleitos, que impõe custos financeiros impraticáveis às campanhas de candidatos e candidatas preparados e bem intencionados. Que deliberadamente fecha as portas do Congresso Nacional a jovens, mulheres, negros e LGBT's.

Não. Não se trata da arte do possível, mas da arte de *ampliar os limites do possível*. E em 2018, a juventude mostrará ao país até onde está disposta a ampliá-los na luta pelo Brasil que queremos.

A PÁTRIA EDUCADORA NÃO É UM PROJETO, É UMA CRISE: O caos da educação brasileira

*“(...) Em volta outras revoltas, envolve-se fácil
Era guerra com a favela de baixo
Sem livro, nem lápis, e o Brasil em colapso (...)”
Racionais MC's*

“A crise da educação no Brasil não é uma crise. É um projeto”. Poucas vezes o irônico e preciso diagnóstico de Darcy Ribeiro fez tanto sentido quanto agora. Bandeira por excelência da juventude, a educação brasileira esteve abandonada até muito recentemente, um reflexo direto e óbvio da (falta de) prioridade dada ao assunto pelos governos de Lula e Dilma.

Foram milhões de estudantes orgulhosamente inscritos na educação superior, de acordo com a propaganda oficial. Sonhos viabilizados pelo espírito lutador que sempre caracterizou os estudantes brasileiros, mas comercializados política e financeiramente entre governo e os tubarões do ensino, sócios no rombo bilionário do FIES. Chances reais de pavimentar um caminho duradouro para o desenvolvimento foram desperdiçadas no ralo de dinheiro público que significou o Ciência Sem Fronteiras e o Pronatec.

Sem um real planejamento para além do horário eleitoral gratuito, iniciativas como essas não criaram oportunidades imediatas à juventude ansiosa para assumir as responsabilidades de uma carreira profissional. Fosse a educação prioridade de

fato, o valor médio das taxas de desemprego trimestrais não teria subido de 20%, em 2015, para 27,2%, em 2016, entre jovens de até 24 anos.

O projeto petista também fez questão de marginalizar da sua agenda os mesmos recém-formados que se orgulhou de colocar, "sozinhos", na universidade. Realidades como a da inteligência artificial no mundo do trabalho passaram ao largo de um plano nacional de educação. Dinâmicas de empreendedorismo e autoemprego, presença já frequente na paisagem da nossa economia, foram marginalizadas por ordem do preconceito ideológico do governo. Enquanto a propaganda era costurada, o mundo do trabalho ia mudando: sair-se bem em uma realidade tão dinâmica quanto a que se insinua significou (e ainda significa) estar preparado para aprender a aprender, de modo a reciclar e adaptar com agilidade os conhecimentos, dando conta das oportunidades que só uma economia fiscalmente responsável e bem gerida pode proporcionar. Os governos Lula e Dilma não nos legaram nada disso.

Aprendizado permanente. Autoemprego. Empreendedorismo. Eis as palavras-chaves para um Ensino Superior alinhado às necessidades econômicas, sociais e políticas do Século 21. Há bons cursos de ação para o fomento do empreendedorismo entre os jovens, de modo que estejam aptos tanto à geração das próprias oportunidades, quanto ao aproveitamento das que voltaram a surgir no Brasil após o fim do período Lula-Dilma:

1. Difusão de discussões sobre empreendedorismo (e inovação) entre os universitários e aumento do número de disciplinas relacionadas ao tema.
2. Destinação de recursos (públicos e/ou privados) para a realização de exercícios práticos de empreendedorismo e inovação, como, por exemplo, *hackathons* (maratonas de programação): experiências práticas com empreendedorismo e inovação - mesmo quando discretas ou mesmo mal-sucedidas - ajudam o jovem a desmistificar a atividade, perdendo, assim, o medo de se arriscar em empreitadas do tipo.
3. Aumento da sinergia instituições de ensino-comunidade-mercado: se as instituições de ensino vão pouco ao mercado e à comunidade local, o mercado e a comunidade local devem ir até elas.
4. Olhar atento para a oferta de cursos de linguagem de programação: ela deve ser ampliada, alcançando diferentes áreas do conhecimento. Mesmo no mundo da 4ª

Revolução Industrial, nem todos terão de ser programadores, mas é indispensável que jovens e adultos conheçam minimamente os impactos das novas tecnologias em suas áreas de atuação e tenham alguma noção de como podem utilizá-las.

A Educação Básica foi igualmente abandonada e sucateada no passado recente, a ponto de sequer ser lembrada pela maquiagem do horário eleitoral de televisão. Na lógica que orientou a política educacional lulopetista, a marginalização do assunto fazia todo sentido: afinal, quem ainda está na escola não vota. Passou da hora de alterarmos esta lógica perversa, luta que começa quando pensamos respostas para uma questão tão simples quanto fundamental: como assegurar que nossas crianças e adolescentes de fato aprendam, nas etapas devidas, os conteúdos que lhes são ensinados durante a Educação Básica? É inadmissível que muitos de nossos jovens continuem a deixar a escola sem dominar nem mesmo o português e a matemática.

O que não falta são ideias boas para reverter essa realidade:

1. Nos cursos de pedagogia, reforçar a carga de técnicas de ensino;
2. Fazer com que o período probatório dos professores deixe de ser apenas um ritual burocrático e passe a ser uma avaliação real e específica sobre seu desempenho em sala de aula;
3. Incentivar os bons professores a permanecerem em sala de aula, para que não se vejam premiados a buscar maiores salários em cargos como os de diretor ou nas secretarias de ensino;
4. Incentivar a mentoria entre os professores e também entre escolas, de modo que os profissionais e as instituições mais bem avaliadas disseminem as técnicas que lhes permitiram alcançar bons resultados;
5. Dar assistência aos professores para que possam ter um bom desempenho em sala de aula. Sistemas mais estruturados de ensino, com materiais apostilados e treinamento para usá-los, podem ser úteis para isso. Garantidas estas condições, é possível avaliar os professores a partir do desempenho dos alunos;
6. Adotar metas de aprendizado e estratégias de implementação: ao ter clareza do resultado que deve alcançar (aferido por meio do aprendizado de seus alunos), o professor pode desenvolver, testar e corrigir suas próprias estratégias dentro da sala de aula. Como se vê, determinar o quê o aluno deve saber em cada série em nada afronta a tão famigerada (quanto necessária) autonomia do professor e da escola.

7. Divulgar o ranking das melhores escolas e incentivar a organização dos pais dos alunos para que possam estabelecer diálogos mais consistentes e bem-estruturados com as instituições de ensino e com o professorado;
8. Superarmos o preconceito com medidas de reforço escolar e adotá-las também em escolas públicas.

Há bons caminhos para melhorarmos a educação no Brasil, mas significativos avanços já foram possíveis no curto período pós-Dilma ocorrido até aqui. A mais emblemática delas talvez tenha sido a aprovação da reforma do Ensino Médio. Fruto do talento técnico e político de uma equipe ministerial capaz de se equilibrar corajosamente em meio ao turbilhão de reveses políticos e focar no que precisa ser feito. Há ainda muito a se fazer para viabilizar um sistema educacional que prepare brasileiros e brasileiras para o exercício crítico da cidadania e para o aproveitamento das melhores oportunidades do mercado de trabalho. O desafio é nacional, prioritário e anterior à maioria dos problemas sociais mais graves que hoje assombram nosso cotidiano.

A Juventude, como não poderia deixar de ser, especialmente em uma luta que lhe toca diretamente, não fugirá à luta.

VIOLÊNCIA URBANA E SEGURANÇA PÚBLICA:

Juventude vítima por todos os lados

*“Atenção ao dobrar uma esquina (...)
É preciso estar atento e forte
Não temos tempo de temer a morte (...)”*
Gal Costa

O povo brasileiro é obrigado a viver (e sobreviver) em uma sociedade que amarga a desumana média de 60 mil homicídios por ano. Aprendemos, enquanto povo, a aceitar (tolerar? negligenciar? lamentar?) um falido modelo de segurança pública que autoriza a União a dar de ombros para o crescimento do crime organizado. Chegou a hora de travar o debate sério, consequente e pragmático sobre a histórica prevaricação omissiva do governo federal em matéria de segurança pública. Há quem diga, como que para isentar sucessivos governos federais de qualquer responsabilidade, que a agenda da segurança pública é de primazia constitucional

dos estados. De que importa essa anacrônica e fracassada divisão ao jovem fluminense que, ao voltar tarde da noite de seu trabalho, precisa prestar continência à milícia ou ao tráfico se quiser chegar em casa?

Com a terceira maior população carcerária do mundo, o Poder Público brasileiro constrói o crime organizado. Constrói o crime organizado em âmbito nacional quando abandona seu sistema prisional à superlotação, quando espera eclodir nas ruas o poder do tráfico para só depois lançar à morte, ou à própria sorte, policiais mal pagos, mal treinados, mal equipados. É preciso abrir mão do "achismo" em matéria de segurança pública. Chamar a responsabilidade para a União, que deve organizar-se com inteligência estratégica - e sem oportunismo - para coordenar os esforços de todo o Poder Público no enfrentamento de uma verdadeira crise humanitária imposta ao povo brasileiro. Policiar fronteiras, dar dignidade a policiais, sanear as cadeias, sufocar o crime organizado. Repensar do zero nossa falida "guerra às drogas".

Os números não nos deixam mentir. O Atlas da Violência 2017, registra que, desde 1980, vem diminuindo a idade em que se dá o pico do número de jovens mortos: caiu de 25 para 21 anos, sendo que, entre 2005 e 2015, houve um aumento de 17,2% na taxa de homicídios de indivíduos entre 15 e 29 anos. Neste mesmo período (2005-2015), foram 318 mil jovens mortos. São histórias perdidas, são oportunidades de um Brasil mais justo, próspero e digno que não voltam mais.

A Juventude sofre a violência em suas mais variadas e cruéis dimensões. Somos as vítimas das balas perdidas, somos as vítimas das ameaças do tráfico e dos enquadros da polícia.

E é bom que se diga: são devedores do povo brasileiro, responsáveis pela dor da violência, igualmente, os Poderes Executivo, Legislativo... e Judiciário.

**DESENVOLVIMENTO É A NOVA PALAVRA PARA PAZ
(Ou “É a economia, estúpido!”)**

*“Should 5% appear too small?
Be thankful I don't take it all (...)
Don't ask me what I want it for
If you don't want to pay some more (...)”*
The Beatles

O impeachment de Dilma marcou o fim de um dos ciclos de maior ataque ao bem-estar do povo brasileiro. Inflação galopante, empréstimos bilionários a empresários “campeões nacionais”, desemprego avassalador, explosão da dívida pública, um estelionato eleitoral e um quadro de imoralidade na administração pública sem precedentes marcaram os últimos anos do governo Dilma Rousseff.

O Brasil está recuperando o fôlego, ainda que lentamente. A recessão econômica – a maior de nossa história - é aos poucos derrotada, ao passo em que uma importante agenda de reformas estruturais avança pelo Congresso Nacional. O humor de investidores se aquece e, no médio prazo, já é possível vislumbrar a queda nos índices de desemprego. É animador notar que a economia brasileira apresentou crescimento de 1% em 2017 e ainda ousa sonhar crescer 2.6% até o final do ano de 2018, logo após Dilma Rousseff ter golpeado o PIB em mais de 7,5% (no acumulado de 2015-2016).

O biênio 2016/1027 marca um renascimento, com os índices de inflação caindo a seu menor patamar em 19 anos, após o galope dos anos anteriores. A mesma esperança podemos sentir quando olhamos para a taxa básica de juros, na mínima histórica. A associação desses fatores colabora para uma recomposição do poder de compra dos salários, corroídos que estavam simbolizando a pobreza de milhões de brasileiros e brasileiras.

A descontrolada política econômica patrocinada por Lula e Dilma usou e abusou de todo tipo de invencionice, proposta pela famigerada nova matriz econômica, deixando de herança uma escabrosa taxa de desemprego que crescia até o início de 2017. Ainda existem mais de 13 milhões de brasileiros à procura de oportunidades. Na Juventude, o problema é especialmente grave.

Vivemos tempos de incivilidade. Tempos em que rios de dinheiro público vazam pela cínica infiltração das “verbas indenizatórias”, cinicamente defendidas por

alguns dos grupos mais privilegiados até para os padrões do estamento burocrático brasileiro.

É por isso que estagnar a agenda das reformas significa dar de ombros para o sofrimento daqueles que hoje sofrem com o desemprego e com o desalento. Todo o tímido sucesso até agora granjeado (a duras penas, é bom que se diga) pode desmanchar-se no ar, caso contrário. O rigor fiscal deve permanecer aguçado, não como medida emergencial, mas como visão estruturante da economia e do Estado brasileiros. O tempo do populismo passou, sem deixar saudade, e cabe agora aos homens e às mulheres de nossa elite política a adequação, a moderação, a correta administração dos recursos públicos, que pertencem ao povo brasileiro.

**DO POVO, PELO POVO, PARA O POVO:
uma agenda tucana para o Brasil**

Iniciamos um ano fadado a ser histórico, conscientes de que o PSDB precisa convencer o eleitorado de que está à altura dos desafios nacionais. A hora é de esclarecer qual é o nosso programa, e como pretendemos implementá-lo. O essencial é afastarmo-nos do retrocesso antidemocrático do populismo, do triunfo improvisado das soluções fáceis (e erradas): aprofundar um projeto de sólida base democrática, compromissado com o desenvolvimento humano e social, e que trilhe o caminho do reformismo liberal e modernizante.

O dever do PSDB é encerrar o ciclo de fracassos e iniciar um novo ciclo virtuoso no Brasil. Queremos nos articular em rede para derrubar a blindagem do nosso sistema político, chamando o estamento burocrático para sua responsabilidade de servir à cidadania.

Construir significado na mente das pessoas. Criar significado por meio da comunicação bem feita na forma e no conteúdo. Vivemos tempos de autocomunicação, em que temos a capacidade de nos comunicarmos de maneira independente dos canais tradicionais da imprensa ou da mídia. Cada vez mais a juventude tem capacidade e vontade de desafiar o *status quo*, articulando-se em rede para moldar o mundo à sua maneira.

O trabalho iniciado pelo PSDB é uma obra inacabada. Sabemos chegar lá, porque já fizemos muito pelo nosso país. Não precisamos apelar para o populismo, para os discursos inflamados, para as alianças espúrias, se quisermos mudar o Brasil.

Jamais desesperar. Os tempos são difíceis, mas o PSDB está pronto. Com a indignação e a esperança que nos são naturais, a Juventude vai avançar esse país rumo a um horizonte de democracia, desenvolvimento e ética - e o PSDB será nosso veículo.

JUVENTUDE NACIONAL DO PSDB

Rio de Janeiro, janeiro de 2018

Referências Bibliográficas

- João Cabral de Melo Neto, *“Morte e vida severina”*. 1965.
- Wanderley Guilherme dos Santos, *“A práxis liberal no Brasil”*. 1998.
- Abraham Lincoln, *“Discurso de Gettysburg”*. 1863.
- Geraldo Alckmin, *“Discurso à Convenção Nacional do PSDB”*. 2017.
- Darcy Ribeiro. *“Sobre o óbvio”* (Palestra). 1977.
- The Beatles. *“Taxman”*. 1966.
- Racionais MC’s, *“Quanto vale o show”*. 2014.
- Fernando Henrique Cardoso, *“Discurso de despedida do Senado Federal”*. 1994.
- Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa. *“Divino, maravilhoso”*. 1968.
- Winston Churchill. *“Último discurso à House of Commons”*. 1955.
- Belchior e Elis Regina, *“Velha Roupas Coloridas”*. 1976.
- Gonzaguinha, *“Vamos à luta”*. 1979.

Escrito e revisado por: Pedro Vormittag, Vinicius do Carmo, Lucas Padilha